

O coringa da educação.

Acesso: ensinocoringa.com



O cinema na educação não poderia ter outro nome



Marginal — Definição por extensão: que não se adapta aos princípios estabelecidos nem faz parte de um grupo, sociedade.

Dicionário online de português

Como é o Coringa no cinema: uma figura quase mitológica de personalidade irreverente, valores duvidosos e aparência espalhafatosa. Controverso e pouco confiável, mas de riso irônico e fácil, não raro, consegue vários fãs mesmo transparecendo caos e violência.

Novidade nenhuma até agora, certo? Mas se eu disser que a descrição desse personagem cabe na relação entre a escola e o cinema? Para visualizar essa ideia, parecida com sandice, basta forjar que o Coringa, vilanesco como conhecemos, é o cinema no universo da educação. O que quero dizer é que filmes nas escolas são considerados obras menores ou desvirtuosas e por isso estão a margem no ensino, não sendo prioridade problematizar suas influências em nossas vidas.

Se você ainda acha que estou de piadinha, pense nos filmes que você indicaria para ver na escola, pense nas obras que os professores te fazem assistir. Agora compare ambos com aqueles que você assistiu no cinema ou em casa apenas para se divertir, sem. Existe uma crença implantada nessa situação: a diferença entre filmes para pensar e filmes para se distrair. Acontece que ambos são produtos culturais nos dizendo algo que podemos concordar ou não. E por isso a ideia deste blog é dialogar sobre essas mensagens, esses símbolos cinematográficos que, dentro da obra de arte, nos falam sobre o mundo.

Voltando ao marginalizado Coringa, vejo que o cinema é quase seu clone, porque nos faz rir, nos naturaliza a violência e enche a tela de cores e mentiras, que muitas vezes nos faz crer em sub-verdades. Logo, assim como é ácido confiar no Coringa, pode ser corrosivo não pensar sobre o cinema.

Quanto ao nome do blog, vocês já entenderam. Não significa reduzir o cinema ao coringa dos conteúdos e vender a imagem harmônica dos filmes considerados educativos. Significa o contrário: o cinema me parece o Coringa da educação porque não tem lugar próprio no ensino, afinal ele é o marginal, aquele que desvirtua dos livros e que aparece somente como coadjuvante para apimentar a aula cotidiana. Felizmente, isso é reversível. Este blog é um produto educacional, um lugar exclusivo dentro da escola para discutir as mensagens do cinema como um todo, independente da utilidade moral, do nível de besteiro e do teor de entretenimento.

Compartilhe isso:



FILMES E REFLEXÕES

- Cidade de Deus não é realidade, é metonímia
- Tropa de elite em três conflitos
- À procura dos vencidos — o outro lado da moeda em À procura da felicidade
- A Violência que não incomoda

ENTREVISTAS

- Vingadores na educação: professora Mariana conta sobre o Projeto Caverna.
- Cinema e debate: negociando o horário com o professor Marcos Ramon

INFOGRÁFICOS



A ARTE FAMIGERADA

- Cinema brasileiro: roteiros
- Felizmente, Chaplin é de graça Confira no Youtube filmes em domínio público
- Revista Cinética Críticas de Cinema

- Sobre o Blog
- Home
- Política de uso
- Postagens
- Entrevistas
- Infográficos
- Contato

O Coringa da Educação

Cinema, Arte e Ensino.

O cinema na educação não poderia ter outro nome



Marginal – Definição por extensão: que não se adapta aos princípios estabelecidos nem faz parte de um grupo, sociedade.

Como é o Coringa no cinema: uma figura quase mitológica de personalidade irreverente, valores duvidosos e aparência espalhafatosa. Controverso e pouco confiável, mas de riso irônico e fácil, não raro, consegue vários fãs mesmo transparecendo caos e violência.

Novidade nenhuma até agora, certo? Mas se eu disser que a descrição desse personagem cabe na relação entre a escola e o cinema? Para visualizar essa ideia, parecida com sandice, basta forjar que o Coringa, vilanesco como conhecemos, é o cinema no universo da educação. O que quero dizer é que filmes nas escolas são considerados obras menores ou desvirtuosas e por isso estão a margem no ensino, não sendo prioridade problematizar suas influências em nossas vidas.

Se você ainda acha que estou de piadinha, pense nos filmes que você indicaria para ver na escola, pense nas obras que os professores te fazem assistir. Agora compare ambos com aqueles que você assiste no cinema ou em casa apenas para se divertir, sem pretensão de aprender algo.

Existe uma crença implantada nessa situação: a diferença entre filmes para pensar e filmes para se distrair. Acontece que ambos são produtos culturais nos dizendo algo que podemos concordar ou não. E por isso a ideia deste blog é dialogar sobre essas mensagens, esses símbolos cinematográficos que, dentro da obra de arte, nos falam sobre o mundo.

Voltando ao marginalizado Coringa, vejo que o cinema é quase seu clone, porque nos faz rir, nos naturaliza a violência e enche a tela de cores e mentiras, que muitas vezes nos faz crer em sub- verdades. Logo, assim como é ácido confiar no Coringa, pode ser corrosivo não pensar sobre o cinema.

Quanto ao nome do blog, vocês já entenderam. Não significa reduzir o cinema ao curinga dos conteúdos e vender a imagem harmônica dos filmes considerados educativos. Significa o contrário: o cinema me parece o Coringa da educação porque não tem lugar próprio no ensino, afinal ele é o marginal, aquele que desvirtua dos livros e que aparece somente como coadjuvante para apimentar a aula cotidiana. Felizmente, isso é reversível. Este blog é um produto educacional, um lugar exclusivo dentro da escola para discutir as mensagens do cinema como um todo, independente da utilidade moral, do nível de besteiro e do teor de entretenimento.



Sobre o Blog

Este blog é o filho da pesquisa *O cinema no Ensino Médio: um estudo de caso no Instituto Federal de Brasília*, criado pela aluna Angélica Marques Silva de Sousa no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, o ProfEPT. Tudo aqui é um produto educacional destinado a pensar o cinema enquanto influência na educação dos jovens ensinados espontaneamente pela cultura-mundo, a filha de uma sociedade conectada pelos meios de comunicação de massa.

As postagens representam os filmes relacionados ao universo socioafetivo dos alunos participantes da pesquisa, são descontraídas e possuem uma dose de provocação sobre o olhar que reduz o cinema ao entretenimento ruim, ao moralismo ou ao conteúdo da sala de aula. Tais fatores são necessários a prática de uma outra ideia sobre o cinema no ensino: refletir a respeito das obras cinematográficas dentro das funções sociais típicas da arte e demonstrar que nós espectadores, alunos ou não, não somos os habitantes da caverna de Platão, pois pensamos sobre os produtos culturais que vivemos e consumimos, afinal, “idiota é quem faz idiotice, senhor”.



Dicas de uso

A ideia deste blog é elevar o cinema na escola para além do encaixe nos conteúdos das disciplinas. Veja abaixo as dicas de utilização:



Visite os textos após levar a turma ao cinema:

idas ao cinema podem fazer parte do cotidiano escolar. As reflexões deste blog são sobre o cinema em geral, logo, podem complementar as atividades pós-sessão independente do tipo de filme.

Desconstrua a imagem dos “filmes educativos”: não são apenas os filmes como *O jogo da imitação* ou *Selma*, donos de um roteiro baseado em uma história real a qual coincide com o conteúdo escolar, que dizem algo útil. Qualquer filme possui informações sobre a sociedade que o produziu. Por exemplo: é possível falar sobre o racismo, principalmente no que tange os EUA, tanto em *As branqueiras*, quanto em *O infiltrado na klan*. Além disso, não é prudente ignorar o grande espaço que os produtos culturais possuem na sociedade, mesmo que a qualidade artística de muitos deles seja bastante duvidosa.

Use livremente em projetos e Cineclubes.

Comentários e debates são bem-vindos: a polêmica sobre a obra de arte é inevitável. Dessa forma, os comentários nas reflexões estão liberados para qualquer pessoa, desde que exista respeito. O debate online, tal e qual o Facebook, pode ser um bom dever de casa. Nesse caso, peça aos alunos que se identifiquem para que seja possível visualizar suas opiniões.

Postagens

Cidade de Deus não é realidade, é metonímia

Existe essa história que o Paulo Lins pegou e deu uma filtrada, ele inventou um livro, o Paulo inventou muita história, muitos personagens. Tem ali os clássicos, tem Karamazov, enfim, Tchekhov. Ele pegou várias histórias dos clássicos da literatura e jogou ali dentro da favela. Então, algumas coisas são reais e algumas coisas ele inventou mesmo.

Fernando Meirelles sobre Cidade de Deus, de Paulo Lins

No livro *Cidade de Deus*, Alicate é Tutuca, um cara que chora escondido dos amigos. Ele lamenta, com muita dor e razão, o dia em que, sem querer, estourou os miolos de um bebê no colo da mãe durante uma maldita troca de tiros com a polícia. Vive um inferno existencial, pois o céu prometido pela igreja que os pais frequentam é muito distante de sua realidade. Cabeleira é Inferninho, possui as mesmas características agressivas do filme. No livro é possível ler a cena em que ele joga futebol benzão e no final dessa artimanha atira na bola lançada ao ar. Inferninho também lamenta uma tragédia. Durante sua infância a polícia pôs fogo no barraco da família. Sua vó, a rezadeira Benedita, não podia andar e morreu queimada junto com a cama da qual não saía há anos. Tempo depois, Cabeleira viu a TV anunciando que o incêndio fora acidental. Não renunciou ao ódio, chorou, pois não conseguiu salvar sua vó porque era moleque e ainda teve que aguentar aquela mentira enquanto estava acuado embaixo do tanque da patroa de sua tia. Marreco é Martelo, não foge à regra do filme, prefere mil vezes ser bandido a ser um escravo e passar necessidade como o pai.

A tristeza é muito maior devido a situação. Certos sentimentos se intensificam por causa da condição social.

Paulo Lins sobre a realidade na Cidade de Deus.

Essa é uma parte da história do *Trio ternura*. No livro é tudo intenso e misturado, não dá pra distinguir com certeza quem são os personagens do filme, mas uma coisa é certa, as histórias são dolorosas a ponto de fazer qualquer leitor parar na página 27. Não parei nesta, mas parei na 54 onde começa a história das garotas. É muita angústia. Não tive coragem de ir em frente.

Foi então que pensei: com tanta desgraça baseada no fato de que existem pessoas marginalizadas, que não possuem acesso à justiça e estão sujeitas a pobreza e a violência, como é que conseguimos assistir *Cidade de Deus*, assim, sem parar ou titubear, como se fosse algum filme americano, baseado em coisa nenhuma?

A resposta é simples: conseguimos não só assistir, como se divertir, graças a todo aquele palavreado, as situações engraçadas e, claro, a trilha sonora.



Bené virando playboy ao som de Metamorfose ambulante é pura poesia.

Voltando a parte dolorosa, já escutei muita gente dizendo que o filme *Cidade de Deus* é a realidade. Mas não é. O pesadelo da desigualdade social não dura 122 minutos, ou seja, o cinema não é a realidade porque esta não pode ser condensada. Por outro lado, um filme pode ser uma metonímia, um recorte do todo. No caso da comunidade Cidade de Deus, o todo é, além da violência urbana, o subemprego, as três horas de deslocamento para um trabalho mal remunerado, a indiferença da elite, as condições ruins na saúde e na educação. Substancialmente, o todo é o fardo de quem aguenta tudo isso e ainda precisa seguir as mesmas regras éticas de figuras privilegiadas. Muitos não aguentam, se tornam Cabeleiras (Inferninhos).

Contudo, um consolo sobrevive: ninguém é apenas a violência naturalizada. Isso é visível na metonímia fílmica de Fernando Meireles e Katia Lund, na literatura de Paulo Lins e na vida real, pois sendo personagem ou pessoa de carne e osso todos se aliviam em sua própria cultura. No livro, Tutuca, Inferninho e Martelo têm grande admiração pelo samba. Já o filme nos agrada com o Black Music e com a MPB, **Música Preta Brasileira**, de Luiz Melodia, Wilson Simonal e Tim Maia. A vida real nos brinda com tudo isso e muito mais. Felizmente, a realidade, nesse aspecto, é melhor que a trilha sonora, pois a cultura negra é tão apaixonante que fascina a indústria cultural brasileira e até Hollywood — quem esquece o carnaval carioca e o sucesso de *Cidade de Deus* na *grigolândia*? Não à toa, muitos cineastas filhos da elite filmam os guetos, não a si mesmo.

De qualquer forma, por mais atrativa que seja a cultura no longa de Meirelles e Lund ou na obra literária de Lins, tais ficções são anomalias da realidade, pois enfatizam e condensam a história dos corpos pelo chão. Será que os habitantes da verdadeira Cidade de Deus aprovam esse estigma? Possivelmente a resposta é negativa, afinal, uma comunidade não é feita apenas de mortos e tiroteios. É feita de pessoas como nós, as quais, apesar das condições sociais degradantes (essa péssima herança da escravidão), trabalham, estudam, soltam pipa, fazem a economia girar, se entediam, assistem TV... Logo, cabe a nós, espectadores,

nos encantarmos com um filme, mas termos sempre em mente que aquela sedutora obra cinematográfica diz respeito a uma história reduzida, que, de tão bem contada, pode ofuscar as melhores e piores coisas da realidade.

Inspirações desse texto

Roteiro de Cidade de Deus, de Bráulio Mantovani, 2001.

Cidade de Deus, Soudtrack



Tropa de elite em três conflitos



Tropa de elite, José Padilha, 2007.

O Rojão

Me aventurei a ver *Tropa de elite* na época de seu lançamento alugando o DVD por R\$ 1,00 em uma locadora pra lá de suspeita em uma periferia de Brasília (o filme estava no cinema e ao mesmo tempo na locadora). Gostei bastante da obra, que dispensa apresentações, e, como todo brasileiro, fui polemizar suas nuances pelas ruas e redes sociais. Havia discussões custosas e polarizadas mesmo quando isso não era alarmante. De um lado, exaltavam os métodos do BOPE, ou do que acreditaram ser o BOPE. Diziam ser esse o caminho para liquidar o tráfico nas favelas. Do outro, culpavam o filme de enaltecer a violência e desconsiderar os direitos humanos.

Tropa de elite gerou um impacto cultural tão grande na sociedade brasileira que a polêmica sobre ele não demonstra sinais de término. E, por isso, o filme cumpre um papel de destaque enquanto obra artística e fenômeno midiático. Nesse sentido, um dos seus trunfos é não oferecer solução para os problemas apresentados deixando essa responsabilidade para o espectador. Vale lembrar: no decorrer da trama, os personagens perderam entes queridos, ou morreram entre as caçadas, as vinganças, as missões e os óculos do Romerito. No entanto, no ato final, não há consolo ou proposta elucidativa, apenas um trabuco colado na câmera, apontado para o público como se dissesse: segura o rojão.

Mas o rojão está em órbita, pois ninguém segurou coisa nenhuma, pelo menos nas discussões polarizadas. Ao invés disso, adotaram o Capitão Nascimento como o herói de uma nação messiânica. E assim, a violência policial explorada no filme foi absolvida e absorvida pelo discurso oco dos fins justificam os meios. Consequentemente e do lado oposto, danaram a demonizar a obra que se tornou o bode expiatório dos discursos de ódio dominantes.

Essa desavença não é estéril, pois o que mais gera em sua existência é discussão, logo, todos falam sobre a playboyzada no apartamentinho, o ódio de André Mathias, o tráfico, a corrupção, a humilhação nas forças armadas e a violência. Contudo, está longe de ser eficaz. E a ineficácia começa no momento em que um filme é tomado como solução para um problema ou repudiado por retratar algo que jamais deveria ser seguido.

Os valores troçados

Vivenciar a ironia em Tropa de elite é irresistível:

Pede pra sair!

Tá sem bandoleira?

Você é um fanfarrão!

Operações especiais! Nunca serão!

Jamais serão! (grita uma voz ao fundo)

Mas a linguagem cômica não supera a crítica social, pois, quando a sessão acaba, a ironia se volta contra nós. Isso acontece porque não há personagens para limpar a sujeira que inspirou o roteiro. Diante desse choque, tende-se a culpar quem desnudou a desgraça, ou simplesmente aceitar os valores troçados como quem aceita feridas ao invés de cicatrizes. Em ambas as situações ocorre uma apropriação da obra cinematográfica a qual é utilizada para condecorar convicções outrora consolidadas, como a crença de que a violência em filmes com crítica social encoraja atos de terrorismo, ou o pacto sanguinário o qual mantém a porrada e a bala como garantia da paz independente dos limites éticos.

A feiura externa

Nesse cenário, o que fazer com filmes tão polêmicos quanto *Tropa de elite*? A resposta é óbvia: entender que nenhuma obra cinematográfica é um modelo a ser seguido, tão pouco foi feita para substituir políticas públicas. Além disso, se estão se apropriando de um filme para justificar comportamentos antiéticos, então a situação é mais grave e feia na vida real. Outro ponto imprescindível é lembrar que obras cinematográficas não precisam ser sempre belas, agradáveis e didáticas, ou possuir uma linda e óbvia lição de moral, principalmente se a intenção for nos fazer refletir sobre alguma situação grotesca



Como isso, definitivamente, não é novidade para o mundo artístico, é possível usufruir das obras de Goya ou Portinari e, claro, nos impressionar com *O Exorcista* ou *O Silêncio dos inocentes*.

Erros serão corrigidos e justiça reinará na terra.

Infiltrado na Klan, 2018

Durante o teste deste blog, no post *A violência que não incomoda*, uma aluna me pediu para eu descer do muro e responder se concordava com a hipótese de que filmes violentos influenciam no comportamento dos jovens. Eis a minha resposta: filmes não costumam parir chagas sociais, mas retratá-las. Dessa forma, o cinema faz parte de um problema maior e externo a ele, um círculo vicioso o qual afeta a produção de arte e entretenimento. Logo, a má influência existe porque a sociedade está contaminada por valores contraproducentes para com os direitos humanos e as minorias. Porém, ironicamente, a arte pode nos brindar com a consciência sobre a desumanidade desses valores. Sendo assim, o que precisa mudar não são os filmes, mas os princípios extrínsecos a eles. Quando isso acontecer, obras como *Tropa de elite* irão apenas compor a memória de tempos sombrios.

Inspirações desse texto

Pede pra sair: como "Tropa de Elite" enfrentou tráfico, polícia e pirataria antes de se tornar um fenômeno...

Tropa de elite: crítica Cinema em cena

Tropa de elite: crítica Revista Cinética

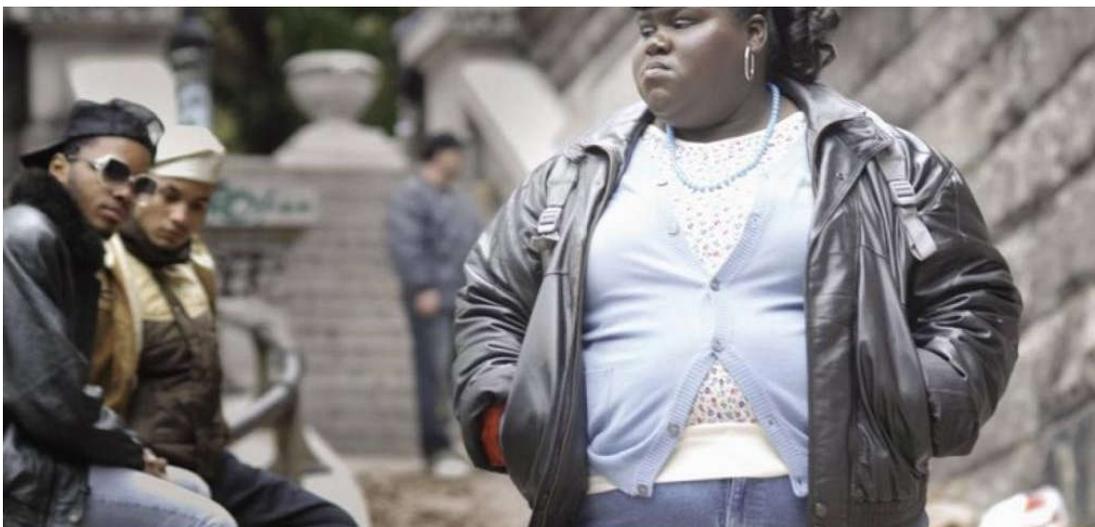
À procura dos vencidos — O outro lado da moeda em À procura da felicidade



Gravura por Ryan Serrano

No cinema hollywoodiano é comum que as histórias mais amadas se refiram a uma missão complexa — impossível de ser executada por nós, pobres mortais, rendidos a mesmice cotidiana, pois não tivemos a sorte de ser picados pela super aranha fugitiva do laboratório. Mas, se a história for baseada em acontecimentos reais, daí surge a centelha da esperança e a tocha das palestras motivacionais sobre o segredo do sucesso daqueles que persistiram apesar das muitas pedras no caminho. Esse foi o destino do filme *À procura da felicidade*, um recorte da vida de Chris Gardner, o homem que conseguiu um seletivo emprego, mesmo morando com uma criança em um banheiro público, ou lugar pior, graças a sua inteligência, dedicação e habilidade com o cubo mágico. A ideia implantada nesse filme remete ao mérito, a superação individual das péssimas condições sociais e a conquista do sonho americano, traduzido no roteiro como sucesso empresarial e financeiro.

Sempre que vejo filmes assim penso: mas onde está a história dos que perderam a competição? Onde encontro os vencidos do cinema? Felizmente a arte não transforma em ficção somente o mérito, mas também o demérito — composto por aqueles filmes dolorosos dominados pelas trajetórias não glamorosas dos filhos da mesma sociedade de Chris Gardner, mas que tiveram seu sonho americano minado pela pátria que o proporcionou. Esse é o caso de obras como *Precious*, a história de uma adolescente com baixa autoestima, vítima da violência doméstica e do bullying; e, *Um limite entre nós (Fences)*, o retrato amargurado daqueles que tiveram suas vidas relegadas às periferias urbanas e profissionais por causa da pobreza e do racismo nos EUA.



Precious, direção Lee Daniels, 2010.

A ideia de procurar as réplicas do demérito no cinema norte-americano não diz respeito somente ao tema *Meritocracia*, se refere ao desfrute consciente das obras cinematográficas, algo mais importante que a temática dos filmes. Nesse raciocínio, filmes não são feitos para se tornar os instrumentos das palestras nomeadas *Foco e determinação*, ou a lição de vida instantânea necessária a virtude de seus espectadores, mas, se forem utilizados para tais finalidades, que ao menos seja possível refletir sobre o outro lado da moeda. A respeito disso, o filósofo Rancière diz que a arte produz *dissensos*, outras realidades possíveis dentro do que entendemos como factível, e, por isso, a arte está integrada ao *senso comum polêmico*. Assim, a discussão acerca da obra artística é inevitável. Nesse sentido, é válido pensar sobre as outras possibilidades de uma história e não apenas enveredar-se para o lado mais conveniente. É por isso que o filme *À procura da felicidade* não é uma tocha da motivação, ele é um quadro numa imensa galeria a qual exhibe os vários ângulos de uma mesma sociedade.

A Violência que não incomoda

“Para o meu pai, se em 10 minutos de filme não morrer ninguém, então o filme não presta.”

Gabi.



Velozes & Furiosos, Universal Pictures

Ao sair do cinema, extasiada, após ter visto *Coringa*, fui pesquisar na internet o que dizia a crítica especializada sobre o filme, foi quando me deparei com várias críticas veementes a respeito da possibilidade de seus espectadores pegarem metralhadoras e assassinares uns aos outros dentro de shoppings e escolas. Confesso: fiquei decepcionada, pois esperava críticas construtivas sobre as virtudes do filme, ao contrário de tantas opiniões preocupadas sobre a capacidade de um produto cultural gerar tiroteios. Não que essas preocupações sejam inválidas, longe disso, elas são necessárias, principalmente em sociedades que vem encorajando a intolerância e o armamento pessoal. Contudo, em se tratando de cinema, existe uma outra adversidade merecedora de atenção, mas que é pouco discutida: por que a violência em filmes como *Coringa*, *Laranja mecânica* e *Tropa de elite* incomoda tanto, enquanto a cabeça espatifada num carro em *Pulp fiction* ou um veículo voando pelos ares em *Velozes e furiosos* não são cenas consideradas perigosas à sociedade?

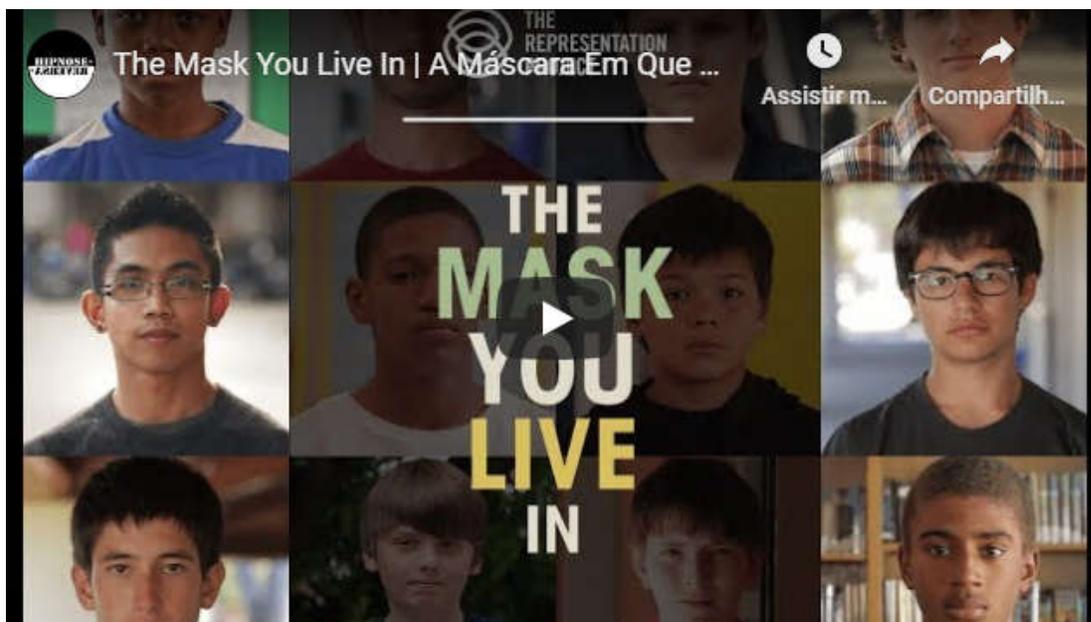
Sobre essa questão, prevalece a seguinte ideia: existem filmes que não precisam ser levados a sério, pois suas cenas de ação são tão mentirosas que passam por inofensivas. Já outros, de tão dolorosos e polêmicos, passam por gatilhos da revolta causada por um mundo sujo, logo, alguém pode enlouquecer de vez e tentar matar um político (alguém já viu esse filme?). Essa ideia é muito simplista, pois desconsidera a complexidade de influências e argumentos próprios dos produtos culturais violentos (chocantes ou não). Dessa forma, percebo em filmes como *Coringa* e *Bacurau* que a violência é a porta bandeira tanto para denúncias sociais, quanto para ideologias duvidosas, vide *O clube da luta*, e, por isso, obras com esse artifício (a porta bandeira) são honestas quanto a sua polêmica. No entanto, existem filmes nos quais armas, sangue e fogo são apenas acessórios para composição de cenas espetaculares e hipnotizantes que têm sua função nelas mesmas. O problema disso é que filmes assim, violentos por eles mesmos, exercem uma influência negativa e silenciosa nos espectadores, principalmente por transmitir um padrão de virilidade nocivo e inalcançável para qualquer

indivíduo. Por isso, defendo que a selvageria dessas obras precisa ser problematizada, ao invés de mantermos o conformismo quanto a sua banalização. Essa ideia é discutida em *The mask you live in* — o documentário relata o quão danoso é manter o silêncio a respeito das imagens violentas que ajudam a construir uma masculinidade tóxica nos EUA.

No entanto, romper o silêncio não se trata de moralizar, censurar ou excluir filmes de ação da vida das pessoas. Se trata menos ainda de reduzir essa polêmica a mera questão de gosto. Se trata de pensar e discutir até que ponto essas histórias fictícias, as quais assistimos e menosprezamos em nosso cotidiano, tem a ver com a angústia social ou com os sentimentos de ódio na nossa realidade. Ao contrário de Phillips em *Coringa*, Haneke e Kubrick mostraram, em *Violência gratuita* e *Laranja mecânica*, que o indivíduo violento nem sempre tem motivos claros para executar o mal feito. Essa ideia é válida, mas não suficiente para desvendar a violência que está no ar. Sendo assim, escrevi este post porque acredito que precisamos conversar sobre como casas explodindo, bandidos morrendo de forma cômica e justiceiros armados podem explicar determinados comportamentos em nosso mundo. E você, acha necessário falar sobre isso?

UM COMENTÁRIO SOBRE “A VIOLÊNCIA QUE NÃO INCOMODA

1.  [MATHEUS GAMA](#)4 de novembro de 2019 / 14:37
Interessante mostrar que a maioria dos filmes usa a violência para resolver seus problemas dentro do filme



Entrevistas

Cinema e debate: negociando o horário

O professor de filosofia Marcos Ramon relata as dificuldades e as rosas de seus projetos com cinema.



O Show de Truman, Paramount Pictures, 1998

CINEMA E FILOSOFIA NA ESCOLA

O Projeto “Cinema e Filosofia na Escola” começou em 2008, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão. Na época eu era professor da instituição e iniciei o projeto com o intuito de aproximar estudantes e servidores a partir de um interesse comum: o cinema. Em conjunto com a exibição de filmes (mas em dias diferentes), realizei debates a partir dos temas presentes em cada filme. Esses debates eram conduzidos às vezes por docentes, mas também por estudantes que tinham interesse em expor suas ideias diante da comunidade escolar.



Her, Spike Jonze, 2013.

No Colun o projeto durou 2 anos (2008 – 2010) e, no geral, eu sentia que a recepção era muito boa. **Por ser um projeto de extensão, fora do horário obrigatório de aulas, existia uma sensação de autonomia na maneira como**

os estudantes se relacionavam com a atividade. Além disso, o cinema é sempre uma forma de descoberta. Muitos assistiram aos filmes sugeridos pela primeira vez naquelas sessões. Outros, mesmo conhecendo as obras, conseguiam perceber outras coisas, identificar outras questões. O mais difícil era conseguir a adesão de outros colegas (servidores ou docentes), pois era uma atividade que se somava às outras obrigações que todos já possuíam. Ainda assim, foi possível contar com muitos deles, ainda que em um esquema de revezamento.

Para saber mais sobre esse projeto acesse: [Blog do Colun](#)

COMEÇANDO NO IFB

Em 2010 vim para o IFB/Campus Brasília, e naquele momento tive dificuldade em dar continuidade à proposta, pois o Campus estava no início de suas atividades. Só em 2015, com a implantação do Ensino Médio, iniciei o projeto no IFB, durante o período de um ano. Nesse momento, além dos filmes que já tinha experimentado na primeira versão do projeto, tentei outros filmes, mais experimentais, focados na análise de um projeto de pesquisa que estava orientando no momento (“Simbolismos do corpo no cinema”). A adesão foi pouca, principalmente porque tivemos dificuldade em encontrar um horário que pudesse agregar com mais facilidade os estudantes do Ensino Médio. Assim, depois de um ano, o projeto foi interrompido.

PROPONDO FILMES

A proposta inicial do projeto era apresentar filmes que pudessem se conectar, de maneira mais direta, com temáticas filosóficas. Assim, tanto na primeira quanto na segunda versão do projeto propus um conjunto de filmes que poderiam ser assistidos e discutidos, posteriormente, a partir de temas filosóficos, como liberdade, ética, política etc. Os filmes que foram apresentados, no primeiro momento, foram os seguintes:

- Efeito Borboleta
- A Ilha
- Matchpoint
- Minority Report: a nova lei
- À procura da felicidade
- O Fabuloso destino de Amélie Poulain
- A Rosa Púrpura do Cairo
- Quero Ser John Malkovich

A partir desses filmes, propostos por mim, os estudantes e outros servidores podiam indicar outros filmes, que foram também aproveitados, perpassando diversos gêneros: animações japonesas, dramas, comédias etc. (incluindo produções nacionais e internacionais). Na segunda versão do projeto, no IFB, tentei incluir alguns outros filmes, que se aproximavam das características de alguns dos cursos em que eu estava atuando no momento (Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio e Licenciatura em Dança) e do projeto de pesquisa que eu estava orientando:

- Her
- O Show de Truman
- Matrix
- Um cão andaluz
- O sangue de um poeta

O QUÓRUM

De maneira esporádica, especialmente nas sessões de debates, que aconteciam em momento separado da exibição dos filmes. Como todos os filmes eram longas-metragens, fazer os debates na sequência tornaria o processo muito cansativo. Obviamente, sempre havia um espaço para uma rápida conversa na saída da exibição, mas não era algo obrigatório. Assim, **os estudantes eram convidados a aparecerem em momento posterior para a discussão dos filmes. A audiência era sempre menor, mas eu entendia que essa era, naquele momento, a decisão mais sensata.** Nesses momentos, a convite, existia a participação de servidores como palestrantes ou levando suas turmas para os debates. Nas sessões de exibição a participação era bem pequena.

Marcos Ramon Gomes Ferreira é professor do Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília e criador do Podcast Ficções. Seu site é: <https://marcosramon.net/>

Vingadores na educação

Nessa entrevista super informal, a Mariana, professora de Sociologia, uma cinéfila não assumida, descreve o sucesso do Projeto Caverna: um lugar para pensar e discutir cinema na escola com muita diversão e afetividade.



La vida es un gran sin sentido, un absurdo.
Um conto chinês, Sebastián Borensztein, 2011.

Mariana Queiroz de Almeida é professora, gaiata, gata e cinéfila.

Conte-nos sobre o Projeto Caverna:

Por volta de 2003/2004, comecei a trabalhar com cinema no Centro Educacional 2 da Candangolândia. Trabalhava com Ensino Médio e EJA. Notei que alguns alunos tinham dificuldade com a interpretação de texto. Na época a gente chamava de analfabetismo funcional, hoje esse termo está em desuso. Com a intenção de auxiliar esses alunos, decidi trabalhar com cinema no contra turno ou no sábado. Já havia um projeto chamado *Cineclubes nas escolas*, então, na época, todas as escolas públicas tinham um retroprojeto e alguns filmes. A ideia era passar filmes para as comunidades, trazê-las pra dentro da escola, já que algumas delas não tinham cinema, aliás, elas não tinham muito acesso ao lazer. Então, já que tinha esse equipamento à disposição, um auditório e essa vontade de fazer debates com os meus alunos, criei o Projeto Caverna. Nesse projeto eu

passava alguns filmes, depois fazia debates sobre eles. A intenção era que os alunos fizessem a interpretação das vanguardas, da linguagem visual, da linguagem auditiva, para depois entrar na linguagem escrita. A ideia era que eles comessem a ler o mundo pelos acontecimentos e a partir deles interpretar os textos. A princípio funcionava na minha sala mesmo (era sala ambiente), mas com o tempo o projeto foi crescendo, foi aumentando, daí eu realmente precisei ir para o auditório. Essa ampliação só foi possível graças ao equipamento que a gente tinha. Foi assim que comecei a trabalhar com cinema. E deu muito certo, porque eu trazia filmes que estavam em cartaz, ainda não baixava da internet, comprava pirata mesmo. Nem sei se você pode colocar isso aí (risadas)! Mas enfim, eram filmes atrativos, os filmes do momento. **Não queria passar filmes relativamente tradicionais para o contexto escolar, porque isso causava um certo tom de “Vai ser um filme Chato”.** A gente assistia, conversava sobre o filme. Com isso eu pude ver o que cada um tinha entendido, o que cada um tinha lido do filme.

Não dá para falar de Vingadores, por exemplo, sem falar do feminismo porque no último filme, Vingadores Ultimato, tem algumas cenas com foco na força da mulher. Só as mulheres conseguem derrotar o Thanos.

Como os participantes interagiam?

Com o tempo, com duas ou três exposições dos filmes, eu comecei a ver que estava acontecendo algumas coisas além da interpretação do filme. O filme servia como um mote para que os alunos trouxessem suas dificuldades individuais. Por exemplo, eu me lembro de ter passado *O segredo de Beethoven* que falava da relação de Beethoven com a música. Era a paixão pela música, mas os alunos começaram a trazer questões de relacionamento, do gostar. Daí o que era para ser uma conversa sobre cinema ia se ampliando. Eu lembro que a gente discutia até química, porque os alunos começaram a falar: “para uma relação dar certo tem que ter química”. Daí eu perguntava o que era química pra eles, o que eles entendiam como química, e eles respondiam. Com isso, de fato, a gente começou a entender a interdisciplinaridade: assim como água e óleo não se misturam, se um casal não tem química, não se mistura. Então, os filmes deixaram de ter um caráter só de sociologia, de interpretação daquilo que estava sendo visto e se tornou um jogo maior, uma conversa maior, quase uma terapia de grupo.
O público que quero atingir não é aquele que já conhece cinema.

Como eles se sentiam em relação aos filmes escolhidos?

A opção de escolher filmes mais atuais, de preferência em cartaz, tinha a intenção de ser atrativo. Eu sabia que muitos dos alunos participantes do projeto eram trabalhadores, porque alguns eram do supletivo. Outros, mesmo sendo do Ensino Médio, já estavam cansados dessas aulas de cinema em que se passavam filmes que, teoricamente, tinham temas relacionados às disciplinas. Lembro que eu passei *Tropa de Elite* na época de seu auge. Eles queriam muito assistir, mas não tinha como encaixar *Tropa de Elite*. Daí eu aproveitei para falar da pirataria, da venda de CDs piratas, como a pirataria funcionava. Já sobre o papel do Estado, dos assuntos relacionados à sociologia, eles acabaram trazendo os problemas individuais, a violência urbana, a violência das localidades, a periferia onde moravam, a polícia... Então, com essa escolha de filmes atuais, o projeto tinha a característica de ser um momento que não era aula, era um momento a mais, de diversão, de acolhimento. Essa era a intenção. Era um momento divertido, eles sabiam que lá encontrariam um grupo de pessoas de diferentes idades, era um ambiente de confiança onde eles podiam assistir um filme e falar a respeito. O projeto tinha a seguinte regra: daquela porta pra dentro tudo podia ser dito, e, necessariamente, tudo tinha que ser ouvido. Nada do que fosse dito poderia ser

levado pra fora, porque aquilo era a garantia do ciclo de confiança do grupo. Para eles era muito bom. Se tinha brigado com o marido, se estava chateado, se tinha ficado desempregado, se estava desorientado, se não tinha ou não sabia para onde ir, ia lá assistir ao filme. Era um momento de lazer bem interessante porque lá eles colocavam essas situações. Então o filme era um lazer, mas depois tinha uma discussão maior que envolvia as disciplinas da escola de uma maneira multidisciplinar, logo, se desenvolvia muito mais que a vida pessoal. Era uma coisa meio parecida com o que o Paulo Freire chama de *roda de leitura*.

Você tocava o projeto sozinha? Outros professores participavam?

A princípio, começou só comigo, eu não tinha nenhum auxiliar. Eu fazia de uma maneira bem improvisada, eu confesso, de uma maneira bem instintiva mesmo. Mas, quando o projeto foi crescendo e deixou de ser da minha turma, um falava para o outro, daí outras pessoas vieram para o projeto, mas eles vinham para assistir. Isso tornou o espaço muito democrático, porque tanto os alunos, quanto os professores e outros servidores assistiam aos filmes e colocavam suas opiniões. Mas junto comigo, tocando o projeto não tinha ninguém. No máximo indicavam um ou outro filme. Eu tocava o projeto sozinha.

Eu brincava muito com meus alunos, eu falava, por exemplo, que os Smurfs fizeram uma propaganda socialista.

É interessante que você trabalha tanto com as obras alternativas, quanto com as grandes bilheterias. Como surgiu essa preferência?

Eu adoro cinema. Sempre adorei. Vejo desde *Cine Cult* até pastelão. Então, eu confesso que a escolha dessas obras vai muito do meu interesse pessoal. Logo, sempre passo um filme que já assisti, pois, tendo assistido antes, eu sei mais ou menos os pontos que poderei abordar. Por exemplo: *Um conto chinês*, um filme fora do roteiro hollywoodiano, é um filme argentino muito bom, mas acabou sendo escolhido porque eu gostei muito. Ele fala sobre a empatia, que é sempre um tema interessante. Já as grandes bilheterias são escolhidas porque são sedutoras. Olha o fascínio que Vingadores exerceu sobre toda uma juventude! Tem a questão do herói e outras coisas para serem debatidas. Daí ele é um mote interessante, chama atenção quando você usa um filme hollywoodiano. Muitas pessoas não têm muito acesso ao cinema, não conhece direito essa arte, o acesso que elas têm vem da televisão, e a televisão faz uma propaganda grande de filmes assim. Então quando eu vou escolher um filme, levo isso em consideração. O público que quero atingir não é aquele que já conhece cinema, é aquele para qual o cinema é meio distante. E aí eu vou alternando os filmes muito populares até os filmes mais cults. Mas isso leva tempo, porque primeiro é preciso que o público saiba digerir o mais popular, para depois caminhar junto até chegar ao *cult*.

Suas analogias com os filmes são muito interessantes. Fale um pouco sobre a do Vingadores ou aquela do Um conto chinês:

As minhas analogias, eu vou confessar pra você, surgiram do desespero de causa (risadas). Quando os meus alunos começaram a trazer questões pessoais a partir do filme, eu não sabia como lidar. Na época, a minha ideia não era, necessariamente, as questões pessoais, era, mais ou menos, brincar com o filme e as relações sociais. Mas percebi que precisava ter um outro olhar sobre o filme, pois essa demanda ia surgir. Assim, comecei a prestar atenção e a criar na minha cabeça algumas relações, relações malucas talvez, mas que durante a conversa faz sentido. Não dá para falar de *Vingadores*, por exemplo, sem falar do feminismo porque no último filme, *Vingadores Ultimato*, tem algumas cenas com

foco na força da mulher. Só as mulheres conseguem derrotar o *Thanos*, praticamente. Então fica fácil para mim fazer uma relação entre o feminismo e o patriarcado. Quem é o patriarcado? É o grande vilão da sociedade, é o patriarcado que faz com que as mulheres sejam submissas. Então, no filme, aquelas mulheres protagonistas tentando destruir, aliás, quase destruindo o Thanos mostra a força da mulher reagindo contra esse grande vilão. Daí, quando você entende que aquilo vai além, a percepção das analogias vem bem rápido. Em *Um conto chinês* fica muito fácil fazer uma analogia com a empatia na relação do argentino com o chinês. Eles não se conhecem, não falam a mesma língua, mas fica muito claro que a empatia está na dor, na dor muito particular de um e de outro. Mas eu gosto das analogias mais difíceis, como a dos *Vingadores*, são mais desafiadoras. Além disso, são essas analogias de filmes, malucas e não tão perceptíveis que despertam o interesse do estudante. Com isso, eu brincava muito com meus alunos, eu falava, por exemplo, que os *Smurfs* fizeram uma propaganda socialista. Papai *Smurf* é Marx (risadas), tanto que ele é o único que usa gorro vermelho. Todos os outros *Smurfs* são iguaizinhos, são conhecidos basicamente pela sua função, não têm um nome, são conhecidos pela sua atribuição ali na vila, todos moram em casas iguais e têm os mesmos direitos. Aquilo ali é mais ou menos o socialismo. E o Gargamel, que tentava destruir, cassava, procurava os Smurfs, era o capitalismo. Eu gostava dessa analogia, dei muitas aulas com ela. Com essas interpretações fica fácil você cutucar a criatividade dos meninos, fazer com que eles liberem um conhecimento que já tem, mas que desconsideram, porque isso é imaginativo, são relações imaginativas, fazem parte do seu olhar para o mundo. Às vezes você está tão limitado, achando que o certo é o que o outro te traz, que você não alimenta sua percepção do mundo. Então as analogias são muito pra isso, pra despertar no meu ouvinte, em quem está participando da minha roda de conversa, essa capacidade de expressar a maneira como ele vê o mundo.

Infográficos

Educação Profissional e Tecnológica

CINEMA E ENSINO

EDUCAÇÃO PARA CULTURA

Pensar o Cinema dentro de suas funções sociais e estéticas: Arte, Entretenimento e Indústria.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Entender a influência dos produtos culturais na vida dos jovens. Deve-se acreditar na interação entre espectador e espetáculo.

ESPECTADOR ATIVO

O espectador é um ser ativo em sua cultura. Cabe a ele refletir sobre a arte e detectar os pontos passíveis de transformação na sociedade externa a ela.

DEBATE E TÉCNICA

A participação em rodas de conversas e debates online amplia a experiência artística. A aprendizagem de técnicas de cinema proporciona o acesso a sua produção. A junção de ambas permite a apropriação da linguagem audiovisual.



ESCOLA
VERSUS
ALUNOS

CINEMA NO ENSINO — CONTRIBUIÇÕES

 <p>Alternância entre filmes populares e alternativos</p>	 <p>Não querem filmes chatos</p>
<p>Investir em rodas de conversa e Cineclubes</p>	<p>Preferem debates a resumos e questionários</p>
<p>Investir em exposições com espaço, áudio e equipamentos adequados. Levar turmas ao Cinema</p>	<p>Preferem ir ao cinema</p>
<p>Oferecer disciplina não obrigatória. Realizar projetos, oficinas e visitas técnicas</p>	<p>Possuem interesse em aprender técnicas cinematográficas</p>

Contato

Poste aqui suas sugestões, dúvidas, críticas, análises cinematográficas, denúncias sobre comentários e elogios.



Nome (obrigatório)

E-mail (obrigatório)

Site

Mensagem

ENVIAR

Obrigada!!!

A arte famigerada

The screenshot shows the homepage of 'ROTEIRO DE CINEMA'. At the top, there's a navigation menu with links: HOME | NOTÍCIAS | CURSOS | ROTEIROS | LIVROS | MANUAIS | BLOGS | COMUNIDADE | ROTEIRISTAS | SOFTWARE | SCRIPTS | PROCURA | SOBRE. Below the navigation, there's a description: 'Roteiro de Cinema é um portal de informações em língua portuguesa dedicado aos Roteiristas Cinematográficos, profissionais e amadores sobre recursos de roteiro audiovisual.' To the right, it says 'Comunidade Roteiro de Cinema' and 'Conecte-se a maior e mais bem informada rede de roteiristas da língua portuguesa.' There are social media icons for Twitter and Facebook, and a search bar with the text 'Palavra-chave:' and a 'Procura' button.

<http://www.roteirodecinema.com.br/>

The screenshot shows a YouTube channel page for 'Domínio Público', which has 21,9 mil inscritos. The page features a navigation menu with 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'PLAYLISTS', 'COMUNIDADE', 'CANAIS', and 'SOBRE'. Below the menu, there's a section for 'Envios' with a 'REPRODUZIR TODOS' button and a 'CLASSIFICAR POR' dropdown. The main content area displays a row of video thumbnails with titles and durations: 'Buster Keaton | O Vaqueiro (Go West) - 1925 - legendado' (1:08:15), 'Laurence Olivier | O Morro dos Ventos Uivantes... (Whispering Willows)' (1:44:10), 'Titanic (The Nazi Titanic) - 1943 - Legendado' (1:24:41), 'Henry Fonda | Consciências Mortas (The Ox-bow...)' (1:15:29), and 'Charlie Chaplin | O Garoto (The Kid) - 1921 - Legendado' (52:49).

<https://www.youtube.com/channel/UCDaSNNRXXKbqqd3M30oEIKpA/videos>

The screenshot shows a blog post on the 'CINÉTICA' website. The header includes the logo 'CINÉTICA CINEMA E CRÍTICA' and social media icons for Facebook, Twitter, Instagram, and RSS. The main content area features a large image of a crowd at the '57ª New York Film Festival (2019)' with the text 'Bacurau (2019), dir. Juliano Domellas & Kleber Mendonça Filho por Fábio Andrade'. Below the image, the title of the article is 'Enterrando nossos vivos'. The text of the article starts with '© 21 de outubro de 2019' and 'de festival, Fábio Andrade, França, Juliano Dornelles, Kleber Mendonça Filho' and 'Fábio Andrade'. The article mentions 'Lá pela metade da terceira história do excepcional La Flor (2019), de Mariano Llinás, Dreyfuss (Horacio Marassi), um cientista alemão sequestrado que termina amarrado no banco de trás'.

<http://revistacinetica.com.br/nova/bacurau-fabio/>